

ARQUEOLOGIA:

Temáticas e Perspectivas Teórico- Metodológicas de Pesquisa 2

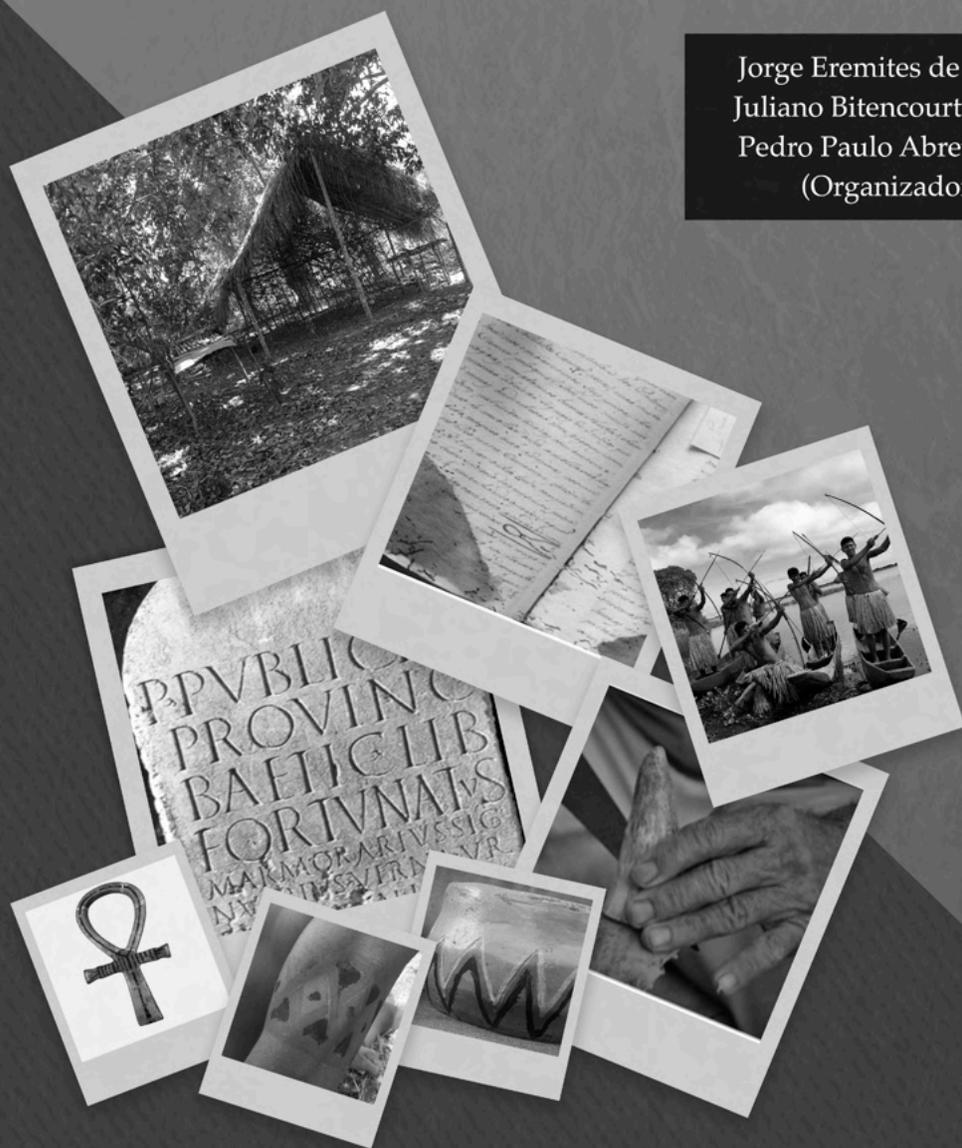
Jorge Eremites de Oliveira
Juliano Bitencourt Campos
Pedro Paulo Abreu Funari
(Organizadores)



ARQUEOLOGIA:

Temáticas e Perspectivas Teórico- Metodológicas de Pesquisa 2

Jorge Eremites de Oliveira
Juliano Bitencourt Campos
Pedro Paulo Abreu Funari
(Organizadores)



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

Acervo dos autores

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Arqueologia: temáticas e perspectivas teórico-metodológicos de pesquisa 2

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Yaidy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadores: Jorge Eremites de Oliveira
Juliano Bitencourt Campos
Pedro Paulo Abreu Funari

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A772 Arqueologia: temáticas e perspectivas teórico-metodológicos de pesquisa 2 / Organizadores Jorge Eremites de Oliveira, Juliano Bitencourt Campos, Pedro Paulo Abreu Funari. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-914-8

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.148221603>

1. Arqueologia. I. Oliveira, Jorge Eremites de (Organizador). II. Campos, Juliano Bitencourt (Organizador). III. Funari, Pedro Paulo Abreu (Organizador). IV. Título.

CDD 930.1

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.arenaeditora.com.br
contato@arenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

Desde o século XIX, em particular, que a Arqueologia desponta como um dinâmico campo do conhecimento científico que costuma despertar a curiosidade e chamar a atenção de um grande público. Tornou-se imprescindível à compreensão das origens e das múltiplas trajetórias das sociedades humanas, desde longínquas temporalidades na África até sua atual presença em diversas regiões do planeta. Da segunda metade dos oitocentos até as primeiras décadas do século XX, esteve ligada à ideia da construção de identidades nacionais, quer dizer, a projetos de Estado. Mais adiante, tornou-se uma ciência madura e passou a fazer parte de muitas realidades da vida em sociedade. Por isso, cada vez mais está presente, por exemplo, em publicações científicas, na mídia em geral, em representações cinematográficas e no imaginário de milhões de pessoas, mundo afora.

Neste sentido, o livro “Arqueologia: temáticas e perspectivas teórico-metodológicas” apresenta uma coletânea de trabalhos que registra parte da pujança da Arqueologia no tempo presente, seja no Brasil, seja em outros países, como em Portugal. A obra está marcada pela pluralidade de temas estudados por experientes pesquisadoras/es e por uma diversidade de perspectivas teórico-metodológicas, as quais são pautadas pela interdisciplinaridade e aplicadas em estudos de interesse a temas variados: acervos arqueológicos, educação patrimonial, sustentabilidade, patrimônio cultural, laudos judiciais sobre terras por tradição ocupadas por povos originários, tecnologias indígenas, percepções sobre o registro arqueológico, antiguidade clássica, direitos humanos, ensino da arqueologia, cartografia, projetos colaborativos, multivocalidade, entre outros.

A obra aqui apresentada destina-se a um público mais amplo, inclusive a pessoas em diferentes níveis de formação acadêmica e vinculadas a campos como os da Arqueologia, claro, mas também Antropologia Social, Geografia, História, Educação, Museologia, entre outras áreas. Volta-se, sobretudo, a pessoas que têm interesse no patrimônio arqueológico, em sua percepção como legado cultural, na materialidade de relações sociais no tempo e espaço, ao visar a convivência e a diversidade.

No caso do Brasil, país que conta, hoje, com dezenas de cursos de bacharelado, mestrado e doutorado em Arqueologia (alguns com área de concentração em arqueologia), a presente publicação soma a tantas outras que buscam compartilhar experiências que não apenas possuem base empírica consistente, mas que também aspiram a superar o norte epistêmico, incorporar saberes tradicionais e analisar situações históricas até pouco tempo desprezados ou pouco valorizados na academia, prol do convívio solidário.

Por tudo isso, a leitora e o leitor têm em suas mãos uma publicação organizada com esmero em tempos difíceis, marcados por guerras, conflitos assimétricos, crises econômicas e epidemias, um livro que vale a pena conferir.

Boa leitura!

Jorge Eremites de Oliveira
Juliano Bitencourt Campos
Pedro Paulo A. Funari

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

ARQUEOLOGIA E EDUCAÇÃO, OS DESAFIOS DO USO DE UM ACERVO ARQUEOLÓGICO

Raquel dos Santos Funari

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1482216031>

CAPÍTULO 2..... 11

INSTITUTO OLHO D'ÁGUA E A SUSTENTABILIDADE CULTURAL: UMA MISSÃO NO TERRITÓRIO DO PARQUE NACIONAL DA SERRA DA CAPIVARA

Marian Helen da Silva Gomes Rodrigues

Jorlan da Silva Oliveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1482216032>

CAPÍTULO 3..... 25

PATRIMÔNIO CULTURAL EM FOCO : ESTUDO DE CASO A RESPEITO DO PATRIMÔNIO CULTURAL RECONHECIDO PELOS ESTUDANTES DE UMA ESCOLA PÚBLICA NO SUL DE SANTA CATARINA

Carolina Porto Luiz

Bruna Cataneo Zamparetti

Lucy Cristina Ostetto

Juliano Bitencourt Campos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1482216033>

CAPÍTULO 4..... 40

ETNOARQUEOLOGIA NO LAUDO PERICIAL SOBRE A TERRA INDÍGENA BAÍA DOS GUATÓ, PANTANAL DE MATO GROSSO

Jorge Eremites de Oliveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1482216034>

CAPÍTULO 5..... 61

PÃRI – ARMADILHAS DE PESCA UTILIZADAS PELOS KAINGANG NO VALE DO RIO PIQUIRI

Lúcio Tadeu Mota

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1482216035>

CAPÍTULO 6..... 92

ANÁLISES DE VULNERABILIDADES SOCIOAMBIENTAIS DO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO DE REGIÕES DO LITORAL PAULISTA

Luana Campos

Cristina Fachinni

Aline Carvalho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1482216036>

CAPÍTULO 7	104
«HÁBITOS ELETIVOS, CONTRÁRIOS À VIRTUDE» E «OBRAS DA OMNIPOTÊNCIA DIVINA»: ABORDAGEM TEÓRICA DAS EVIDÊNCIAS DOS ESTADOS ALTERADOS DE CONSCIÊNCIA NO REGISTO ARQUEOLÓGICO DA IDADE MODERNA EM PORTUGAL	
Miguel Martins de Sousa	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1482216037	
CAPÍTULO 8	123
A CONTRIBUIÇÃO DA EPIGRAFIA LATINA PARA O ESTUDO DOS LIBERTOS NO IMPÉRIO ROMANO	
Filipe Noé da Silva	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1482216038	
CAPÍTULO 9	136
FÚLVIA E AS DEUSAS BÉLICAS EM SUAS MOEDAS	
Tais Pagoto Bélo	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1482216039	
SOBRE OS ORGANIZADORES	148
ÍNDICE REMISSIVO	150

CAPÍTULO 1

ARQUEOLOGIA E EDUCAÇÃO, OS DESAFIOS DO USO DE UM ACÉRVO ARQUEOLÓGICO

Data de aceite: 01/03/2022

Data de submissão: 06/12/2021

Raquel dos Santos Funari

Museu de Arqueologia e Etnologia da
Universidade de São Paulo (MAE-USP)
São Paulo – SP
<https://orcid.org/0000-0003-3275-5435>

RESUMO: Este capítulo insere-se numa pesquisa de pós-doutoramento no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP), sob a supervisão do professor Vagner Carvalheiro Porto. Nesta ocasião, pareceu apropriado explorar alguns aspectos teórico-metodológicos na aplicação da Arqueologia no ensino formal e informal, assim como fazer um breve aceno ao uso de acervo arqueológico para isso (Kormikiari e Porto 2019). Temáticas e perspectivas inovadoras e que podem inspirar a outras tantas práticas arqueológicas e educativas.

PALAVRAS-CHAVE: Arqueologia. Educação. Acervo arqueológico.

ARCHEOLOGY AND EDUCATION, THE CHALLENGES OF USING AN ARCHAEOLOGICAL COLLECTION

ABSTRACT: This chapter is part of a post-doctoral research at the Museum of Archeology and Ethnology of the University of São Paulo (MAE-USP), under the supervision of Professor Vagner Carvalheiro Porto. On this occasion, it seemed appropriate to explore some theoretical-

methodological aspects in the application of Archeology in formal and informal education, as well as to make a brief mention of the use of archaeological collections for this (Kormikiari and Porto 2019). Innovative themes and perspectives that can inspire many other archaeological and educational practices.

KEYWORDS: Archaeology. Education. Archaeological collection.

1 | ARQUEOLOGIA E EDUCAÇÃO, UMA TRAJETÓRIA

Arqueologia e Educação apresentam trajetórias próprias e sua intersecção é tardia, se considerarmos que ambas surgiram e se desenvolveram desde o final do século XVIII. Ambas, como os demais campos de conhecimento, resultam de processos relacionados à revolução industrial, o racionalismo, a experimentação, mas também o nacionalismo, o colonialismo e o imperialismo (VEYNE, 1983). Para a formação do estado nação colonialista ou imperialista, a educação foi crucial. Até aquele momento, as pessoas estavam definidas por seu status jurídico e eram súditos de um rei ou outro potentado local. Isso começou a mudar no século XVIII, como no caso mais radical, com a revolução francesa, em 1789. O processo foi lento e desigual, como atestam a sobrevivência de impérios como o Áustro-Húngaro, Otomano ou Russo, em pleno século XX, assim como a manutenção das diferenças

de status jurídico, mesmo no Reino Unido, com sua nobiliarquia, os lordes, frente aos comuns. A revolução francesa criou cidadãos, em lugar de súditos, mas os cidadãos ainda não existiam, senão como projeto. Foi a Educação, em particular por meio de uma nova instituição, a escola, a ser encarregada de formar os futuros cidadãos, com o mesmo passado, o mesmo território, a mesma língua e assim por diante. Aí, no passado, temos uma intersecção com a Arqueologia.

A Arqueologia surgia, assim como a educação, de origens seculares anteriores. Antes da escola formadora de cidadãos, resultado do nascente estado nação, o ensino existia. Nos milhões de anos como caçadores e coletores, as sociedades humanas só podiam existir por meio da transmissão de cultura, de geração em geração. Neste sentido, não há humanidade sem educação, não apenas nos últimos milhares de anos do homo sapiens, mas mesmo nos milhões de anos anteriores de homínidos. A sedentarização, a agricultura, a vida urbana e a crescente diferenciação social transformaram também a educação. Por um lado, a transmissão de ensinamentos de geração em geração continuou, mas surgiu algo novo e exclusivo: a educação restrita a uma elite social e intelectual. Nas sociedades antigas da Mesopotâmia e do vale do Nilo, o uso da escrita levou à educação de escribas, muito diferente da transmissão milenar de geração a geração. O antropólogo e arqueólogo André Leroi-Gourhan (1911-1986) foi lapidar ao formular o conceito de gesto técnico (Leroi-Gourhan 1965), ao designar o processo como a cultura podia ser transferida, de geração em geração, pela gestualidade ensinada. Essa instrução nunca deixou de ser fundamental, pois atinge a todas as pessoas.

Já o estudo restrito a uns poucos se fundava sobre outros princípios. Os escribas deviam aprender pela repetição (FUNARI, 2011) e o que aprendiam era compartilhado com seus pouquíssimos pares (FUNARI; GRALHA 2010). A leitura em voz alta sempre favoreceu certa compreensão por parte de todas as outras pessoas, mas nem tudo era tão acessível, como se pode inferir dos complexos papiros matemáticos egípcios antigos (ROBINS; SHUTE 1987) e das tabuinhas cuneiformes mesopotâmicas. Embora nem sempre provenientes de escavações arqueológicas, foi a Arqueologia que permitiu a esses achados poder fazer parte do conhecimento histórico. De novo, educação e arqueologia entrecruzados. Com o passar dos últimos cinco mil anos de escrita e educação, a escrita e a leitura nunca atingiram sequer 5% das pessoas. Isso só mudará com o processo acenado acima, derivado do estado nacional e seu projeto de formação de futuros cidadãos. A escola constrói-se em tudo à diferença da instrução milenar anterior: edifícios próprios, salas de aula, programas estabelecidos para todos, currículos voltados para o compartilhamento de valores, idioma, conhecimentos, dentro os quais se destacavam os históricos (ZARANKIN, 2002). Se antes o passado era sempre melhor e mais nobre, agora devia mostrar o caminho mais ousado do futuro: a partir de antigas raízes em nações e em impérios, o nacionalismo e o imperialismo modernos estariam justificados. O historiador francês François Hartog (2013) mostra bem essa confluência entre instrução escolar, História e Arqueologia, a serviço da

nação e do império, como no seu estudo monográfico de Ernest Renan (HARTOG, 2017). Este sábio francês está presente na trajetória de quem estuda esses diversos temas: nação e nacionalismo, colonização e imperialismo, História e Arqueologia.

Tanto a escola como a Arqueologia mudaram muito desde então, em particular pelas transformações sociais. Movimentos educacionais surgiram desde logo em sentidos diferentes, tanto em grupos sociais, como entre intelectuais, como Max Stirner (Alemanha, 1806-1856), John Dewey (EUA, 1859-1952), Rabindranath Tagore (Índia, 1861-1941), para citar apenas alguns. Movimentos sociais variados, como o feminismo, o anarquismo, o socialismo, o comunismo, mas também espirituais ou religiosos fomentaram experiências que fugiam ao modelo nacionalista e imperialista mencionado antes. O século XX, apesar do nacionalismo e do imperialismo agudos em tantos contextos, não impediu o crescimento de movimentos anticolonialistas, feministas, antirracistas, entre outros, com consequências para a educação, mesmo nos contextos escolares formais. Cada vez mais, valoriza-se a cooperação, o aprendizado mútuo, como atesta a força, mundo afora, de pensadores como Lev Vygotsky (Rússia, 1896-1934), Jean Piaget (Suíça, 1896-1980), ou o brasileiro Paulo Freire (1921-1997). Para citarmos um único contemporâneo e que também usa o nosso idioma, menciono António Nóvoa (Portugal, 1954-). Em uma entrevista sua de 2015, dizia que Nóvoa:

“É inacreditável como, em pleno século XXI, ainda temos de repetir o que Montaigne já dizia no século XVI: é preciso ter uma cabeça bem feita e não bem cheia” (Carta Capital, 27/04/2015, acessado em 24/11/2021, em <https://www.cartacapital.com.br/educacao/antonio-novoa-aprendizagem-nao-e-saber-muito/>).

Esta passagem é de particular interesse por mostrar que sempre houve quem fosse pelo aprendizado por meio da cooperação e da convivência, como demonstra Montaigne (1533-1592). Este filósofo francês do século XVI permite relacionar, de novo, educação e arqueologia, na medida em que o seu ensaio sobre o encontro com os tupinambás (Ensaio, 1, 31, dos canibais) tem servido em ambas disciplinas de maneira crítica. A publicação do volume organizado por Peter Stone e Robert MacKenzie, *The Excluded Past, Archaeology in Education*, O passado excluído, Arqueologia na Educação (Londres, Routledge, 1990) foi um marco ao congregar educadores, arqueólogos para superar a simples abertura ao público (*public outreach*) ou a as atividades práticas (*hands on activities*), centradas no domínio técnico dos arqueólogos, frente ao público e aos educadores. Resultado de uma sessão sobre o tema do Congresso Mundial de Arqueologia, em 1986, abria o caminho para desenvolver-se, ao final do século passado, a Arqueologia Pública, assim como as Arqueologias comunitárias, participativas, entre outras surgidas dessa crescente interação entre as disciplinas da Arqueologia e da Educação. Talvez o principal, nesse período, tenha sido a difusão do conceito de aprendizado mútuo. Embora os avanços tecnológicos tenham sido crescentes nessas últimas décadas, com grande impacto em ambas áreas, isso acabou por favorecer uma ainda maior democratização das atividades. Se, antes, o desenho

técnico arqueológico exigia treinamento próprio e muito especializado, hoje programas permitem a apresentação de artefatos e estruturas em 3D, sem maiores dificuldades (BRANCAGLION, 2013a). O mesmo vale para os recursos pedagógicos, antes exigentes de diversas habilidades, hoje facilitadas por softwares. A Arqueologia ganhou muito com sua abertura para o aprendizado, assim como a Educação com a cultura material e seu imenso potencial de formação humana, implícito no termo *Bildung*.

21 OS ACERVOS ARQUEOLÓGICOS E SEU POTENCIAL EDUCATIVO

A imensa maioria do material arqueológico prospectado ou escavado, quando não descartado, acaba nas reservas de museus e de outras instituições de guarda. Isso é o resultado da própria profusão de restos materiais do passado: pedras, tijolos, telhas, cacos de cerâmica, entre muitos outros mais. Por isso mesmo, as instituições são impelidas a custodiar uma imensidão. Por longo tempo, esse material tinha seu acesso muito limitado, sujeito mesmo ao empoeiramento e eventual dano. Ainda hoje, o percentual de material estudado e publicado é muito reduzido, em relação ao acervo como um todo. Algo semelhante pode ser dito de sítios arqueológicos. A falta de contato e apropriação desses lugares pelas pessoas foi e tem sido responsável tanto por uma alienação espiritual, como pela depredação monumental. Daí a importância da sua apropriação educativa, como se dava já muito antes do fim do século XX.

Assim como na educação, com o pioneirismo de Paulo Freire (1921-1997), foi a preocupação arqueológica com a extroversão e com a formação, bem representada pelo grande propugnador da Arqueologia pré-histórica, humanista e científica: Paulo Duarte (1899-1984). Duarte foi responsável por cursos inéditos de formação arqueológica, aberta ao público, sem exigências formais, no auditório do jornal Folha de São Paulo, na década de 1950. O espírito dessas palestras inspirava-se no que Paulo Duarte havia testemunhado em Paris, no *Musée de l'Homme* e no *Collège de France*, mas sua iniciativa, no Brasil, era inovadora, ao tratar da antiguidade do homem americano, nos termos da época. Convém lembrar que o termo homem mantinha o seu sentido universal de ser humano e o acréscimo “americano” era revolucionário, ao se referir aos antigos habitantes do continente, os indígenas. Basta lembrar que os indígenas anteriores à chegada dos portugueses eram ignorados nos programas e livros didáticos. Na formação de licenciados em História, uma novidade à época, tampouco havia tais conteúdos, tendo sido o próprio Paulo Duarte pioneiro, nessa atuação, na Universidade de São Paulo, ainda na década de 1950. Estes aspectos devem ser ressaltados, pois a educação arqueológica de massa, em meados do século XX, não se voltava para os ameríndios, como atesta Vere Gordon Childe (1942), ou mesmo era em tudo imperialista, como no caso paradigmático do britânico Mortimer Wheeler. Wheeler (1955) popularizava a Arqueologia, mas não tinha muita simpatia por colonizados! Por isso tudo, Paulo Duarte pode ser considerado inovador ao lado de Paulo

Freire (1968), ao propor o aprendizado.

A valorização dos concheiros ou sambaquis e seus vestígios, capitaneado por Duarte e outros pioneiros, ia na direção humanista e interativa e esteve na base do que viria a ser a formação do atual Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. A valorização do potencial educativo do material arqueológico estava no centro dos pioneiros arqueólogos humanistas brasileiros, na década de 1950, assim como estaria, em certo sentido, na década seguinte, com a Arqueologia Social Latino-Americana e sua defesa das comunidades indígenas (BENAVIDES, 2011). Há, pois, a unir Arqueologia e Educação outro elo comum, de perspectiva: o Humanismo, a consideração de que todos os seres humanos como de igual dignidade, humanos. Isso é tanto mais relevante, se considerarmos o contexto à época, no mundo, e na Arqueologia, em particular. No contexto da Guerra Fria (1947-1989), a América Latina estaria submetida a grandes conflitos, em particular com regimes autoritários e em tudo opostos ao humanismo. Tanto a Arqueologia, como a Educação, ambas sofreram de maneira direta: Paulo Freire foi exilado (1964), Paulo Duarte cassado (1969), o humanismo golpeado, em nome do tecnicismo. Na Educação, tentou-se, no Brasil, acabar com disciplinas como História e Geografia, substituídas por vagos Estudos Sociais. Outras foram eliminadas, como a Filosofia ou mesmo o francês, idioma tanto considerado superado, como perigoso agente do lema da revolução francesa: liberdade, igualdade, fraternidade. Josephine Baker, heroína francesa feminista e antiracista estivera com Fidel Castro em 1968, talvez tenha sido esta a gota d'água para os espíritos tacanhos e tecnocráticos do regime militar.

O exílio, imposto pelo poder ou constringido a quem conseguia escapar pela fuga, foi crucial para Educação e Arqueologia, em particular no caso brasileiro. Paulo Duarte fora levado ao exílio à época do Estado Novo (1937-1945), muito antes de ser cassado em 1969, na mais recente ditadura, como foi o caso de Paulo Freire. Nem sempre se pensa como o que estava no centro dessa perseguição era a educação, a formação dos futuros cidadãos. Menos ainda, que a Arqueologia podia ser relevante, ao revelar que os indígenas do passado eram tão humanos como todos os outros seres. No contexto latino-americano, essa simbiose original iria florescer antes do que em outras partes. A atuação de Niède Guidon (1933-), antiga pupila de Paulo Duarte e bem inserida no humanismo francês, viria, já na década de 1970 a aliar Arqueologia e Educação, ação comunitária, algo que vivificaria nas décadas seguintes. Não por acaso, ausente no ensino e nos livros à época, hoje a Serra da Capivara, a presença humana antiquíssima, a cultura indígena e a Arqueologia estão presentes nos planos de ensino e livros didáticos, graças à Serra da Capivara. Hoje, na segunda década do século XXI, o uso educativo de acervos arqueológicos tornou-se importante e espalhado, em relação aos mais variados tipos de vestígios do passado. O caso do acervo de amuletos egípcios pode mostrar o imenso potencial na formação dos futuros cidadãos.

3 | O INTERESSE PELO EGITO, A FORMAÇÃO DE ACERVOS EGÍPCIOS E OS AMULETOS

O Egito Antigo fascinava já os antigos gregos e romanos, mas foi o desenvolvimento da Arqueologia a transformar o tema em moda renovada pela materialidade. A expedição de Napoleão marcou a abertura dessa Arqueologia nacionalista e imperialista e o Brasil não deixou de participar dessa perspectiva egiptomaníaca (BAKOS, FUNARI 2008), como quando já D. Pedro I se ocupou de obter acervo egípcio para o que viria a ser o Museu Nacional (FUNARI, 2008c). Antes do incêndio do edifício histórico principal do Museu Nacional, em 2018, este custodiava o principal acervo egípcio no Brasil (BAKOS, 2004), como o fazia para grande parte do material arqueológico proveniente tanto do território nacional, como do estrangeiro (BRANCAGLION, 2004; FUNARI, 2017). O Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo constituía o segundo acervo egípcio conservado no Brasil (BRANCAGLION, 2013 b). O MAE-USP, surgido na década de 1960, unificado ao Instituto de Pré-Histórica, tanto abrigou uma ampla gama de amostras de vestígios arqueológicos e etnológicos, como se preocupou com seus usos educativos (BRANCAGLION *et al.*, 2001).

O Egito Antigo legou-nos uma imensa variedade de vestígios (BRANCAGLION, 2014). Entre os fatores, estão as condições particulares de preservação, como a baixa humidade do ar, além do desenvolvimento de técnicas de preservação, como a mumificação (FUNARI; GRALHA 2010). A preocupação com a vida explica, também, a profusão material dos egípcios antigos (FUNARI, 2018). Isso não se restringe a este povo antigo, ao contrário (FUNARI, 2019). Pode dizer-se que a preocupação com a vida está no centro de todos os seres vivos, de todas as sociedades e culturas (FUNARI, 2014). A imensa variedade faz com que as maneiras como a vida é cultivada nem sempre sejam de fácil determinação (FUNARI, 2008b). Os egípcios antigos não eram exceção, tinham a vida como preocupação principal, não a morte, como se costuma ser levado a pensar. A continuidade da vida é sempre vida. E aí entram os amuletos (ARROYO-ADAIME, 2017).

Convém voltar ao conceito mesmo de vida. Um dos mais usados no Egito antigo e conhecidos consiste no *ankh*, uma espécie de cruz, para representar os sons de três consoantes. Dois desses sons consonantais não existem no nosso idioma, o inicial e o final, apenas o N reconhecemos. A partir dessa raiz, uma série de palavras em egípcio antigo podem ser arroladas: viver, vida, daí permitir a vida, alimentar, esteja bem, vivo e saudável. A partir da mesma raiz triliteral, outras palavras podem ser colocadas em relação, como espelho, arranjo floral, tiras de sandálias. Por tudo isso, deve reverter-se a percepção mais comum de que os egípcios se preocupavam com a morte: ao contrário, era o amor à vida que se manifestação também nesse potente conceito de vida ou *ankh*. A imagem desse conceito é muito conhecida e tem sido interpretada de múltiplas maneiras.



Figura 1: amuleto egípcio antigo em forma de *ankh* ou *crux ansata*.

Fonte: <http://www.globalegyptianmuseum.org/detail.aspx?id=15027>,

Present location EGYPTIAN MUSEUM [01/001] CAIRO EM

Inventory number CG 24357

Dating NEW KINGDOM

Archaeological Site GOVERNORATE OF LUXOR

Category ANKH-AMULET

Material FAIENCE

Technique FAYENCE

Acessado 06/12/2021

Não por acaso, esse símbolo foi apropriado pelo cristianismo egípcio, conhecido como copta, na chamada cruz com alças (*crux ansata*). Primeiro, a imagem é sempre muito mais efetiva do que a escrita *stricto sensu*, na medida em que prescinde de conhecimento da escrita para ser entendido. Essa imagem pode ser associada a muita simbologia, a começar pela anatomia feminina, com o útero acima e a vagina abaixo, fonte da vida, já que a vida provém sempre da fêmea, algo que estava bem claro na cultura egípcia, com sua valorização feminina. Não se pode saber bem se esta interpretação não resulta mais do moderno símbolo do feminino, ♀, de uso recente, em particular a partir do século XIX, mas se pode especular nesse sentido, pelo bom conhecimento egípcio do corpo humano e dos seus órgãos interiores. A forma circular na parte de cima também lembra a perfeição e a inclusão de tudo da forma arredondada.

A partir daí, da vida, chegamos aos amuletos. Cada sociedade, época e cultura, relacionam-se com o mundo e com o que pode trazer alegrias ou tristezas, sorte ou azar.

A imagens de Stalin, na ateiستا União Soviética, serviam como os ícones ortodoxos, antes, para trazer certa proteção a quem os possuíssem, o que mostra a persistência do amuleto, para além do ateísmo oficial. Isso apenas para dizer que amuleto não é um tema distante, ultrapassado, mas em tudo atual e relevante, para todo mundo, e para as crianças também como veremos. Os amuletos egípcios representam bem essa busca pela vida e não é à toa que o Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo tenha, no seu acervo, esse material. Não é casual, ainda mais, que tenha sido este museu a formar o primeiro e pioneiro arqueólogo brasileiro estudioso do Egito Antigo, Antônio Brancaglioni, cujo mestrado é de 1993 e doutorado de 1999, arqueólogo morto, de maneira prematura, em 2021. Um dos seus legados consiste no catálogo inédito desse precioso material e que serve, agora, para que essas peças possam vivificar com as crianças.

4 | CONCLUSÃO: ARQUEOLOGIA E EDUCAÇÃO

Este capítulo foi escrito em fins de 2021, ainda sob as limitações derivadas da pandemia e das limitações de frequência física das pessoas. Neste mesmo momento, apesar de vacinada, estou infectada, assim como a Universidade de São Paulo continua com aulas presenciais apenas excepcionais e o retorno às aulas do ensino fundamental e médio continua parcial e limitado. A aplicação do projeto de uso do acervo de amuletos egípcios do MAE-USP está ainda condicionada e parcial, mas neste volume pareceu adequado mostrar como Arqueologia e Educação apresentam entrelaçamentos teóricos e metodológicos nem sempre evidentes ou destacados. Como professora de História, a Arqueologia tem-me servido para formar cidadãos desde a década de 1980, em particular aquela referente à cultura egípcia antiga (FUNARI 2004; FUNARI 2011; TURINO, FUNARI 2012b). Eu não podia imaginar, naquela época, como a minha experiência arqueológica no Museu de História Natural da UFMG seria tão imbricada com a sala de aula. Mais do nunca, Arqueologia e Educação associam-se pela cidadania e pela cooperação.

REFERÊNCIAS

ARROYO-ADAIME, V. Os Amuletos Funerários Do Egito Antigo No Acervo Do, Mae-Usp, in: BRANCAGLIONI Jr., Antonio. Semna – **Estudos de Egiptologia IV**/ Antonio Brancaglioni Jr., Gisela Chapot (orgs.). – Rio de Janeiro: Editora Klíne, 2017, 298-307.

BAKOS, M.; FUNARI, R. S. História da tradição clássica no Brasil dos séculos XIX e XX. Egito antigo no Brasil: egiptologia e egiptomania. In: André Leonardo Chevitarese; Gabriele Cornelli; Maria Aparecida de Oliveira Silva. (Org.). **Tradição Clássica e o Brasil**. 1ed. Brasília: Fortium/Archai, 2008, v. 1, p. 143-152.

BAKOS, M.M. **Egiptomania, o Egito no Brasil**. São Paulo, Paris, 2004.

BENAVIDES, A. H. O.; LOIOLA, T. S. A.; LEMKE, T. M.; RATTIS, T. A. J. P. RETORNANDO À ORIGEM: ARQUEOLOGIA SOCIAL COMO FILOSOFIA LATINO-AMERICANA. **Revista Terceiro Incluído**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 164–192, 2011.

BRANCAGLION Jr, A. As Coleções Egípcias no Brasil. In: Bakos, M.M.; Funari, P.P. (Org.). **Egiptologia, Egiptomania**. São Paulo: Paris Editorial, 2004, v. , p. 31-41.

BRANCAGLION Jr, A. **Tecnologias 3D: desvendando o passado, modelando o futuro**. 1. Ed. Rio De Janeiro: Lexicon, 2013a. 248p.

BRANCAGLION Jr, A. **Um Egito Ainda Desconhecido: coleções e colecionismo no Brasil**. Tempo Brasileiro, v. 193, p. 39-55, 2013b.

BRANCAGLION Jr, A.; ZIEGLER, C.; DELANGE, E. . As Coleções Egípcias no Brasil/Les Collections Egyptiennes au Brésil. In: Museu de Arte de São Paulo; Museu do Louvre. (Org.). **Egito Faraônico Terra dos Deuses**. 1ed.São Paulo: Takano, 2001, v. 1, p. 20-27.

BRANCAGLION Jr, ANTONIO. S. **Estudos de Egiptologia I**. 1. ed. Rio de Janeiro: Seshat / Laboratório de Egiptologia do Museu Nacional/Editora Klíne, 2014. v. 1. 179p

CHILDE, V. G. **O que aconteceu na História**. Rio de Janeiro, Zahar, 1942.

DUARTE, P. **Pela Dignidade Universitária (1977), Ideias**. Campinas, 1, 1, 2004, 155-179.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra,1968.

FUNARI, R. S.. A África Antiga no Ensino de História. **Heródoto**, v. 2018, p. 194-204, 2018.

FUNARI, R. S.. Egito, uma civilização africana. In: Claudio Carlan; Pedro Paulo Funari; Lourdes Feitosa. (Org.). **As veias negras do Brasil: conexões brasileiras com a África**. 2ed.Alfenas: Editora da Unifal, 2019, v. 1, p. 18-28.

FUNARI, R. S.. Egypt and Brazil: an educational approach. In: Pedro Paulo A Funari; Renata S. Garraffoni; Bethany Letalien. (Org.). **New perspectives on the Ancient World**. 1ed.Oxford: Archaeopress, 2008c, v. 1, p. 73-76.

FUNARI, R. S.. Imagens dos corpos egípcios e as leituras modernas. In: Flávia Regina Marquetti; Pedro Paulo Abreu Funari. (Org.). **Corpo a corpo, representações antigas e modernas da figura humana**. 1ed.São Paulo: Editora da Unifesp, 2014, v. 1, p. 133-143.

FUNARI, R. S.. O Egito Antigo no espelho da modernidade brasileira. In: Glaydson José da Silva; Renata Senna Garraffoni, Pedro Paulo Funari; Rafael Rufino. (Org.). **Antiguidade como Presença. Antigos, modernos e os usos do passado**. 1ed.Curitiba: Prismas, 2017, v. 1, p. 225-242.

FUNARI, R. S.. O Egito Antigo no Jardim 2. **Revista Labora**, São Paulo, p. 5 - 5, 15 ago. 2011.

FUNARI, R. S.. **O Egito dos Faraós e Sacerdotes**, 4a ed., 4a impressão. 6. ed. São Paulo: Atual, 2011.

FUNARI, R. S.. O Egito na sala de aula. In: Margaret Bakos. (Org.). **Egiptomania, o Egito no Brasil**. São Paulo: Paris, 2004, v. , p. 145-158.

FUNARI, R. S.. Un estudio hermenéutico de la egiptomanía y egiptología. In: Pedro Paulo A Funari; Dionisio Pérez; Glaydson José da Silva. (Org.). **Arqueología e Historia del Mundo Antigo: contribuciones brasileñas y españolas**. Oxford: Archaeopress, 2008b, v. 1, p. 37-40.

FUNARI, R. S.; Gralha, J. . O Egito Antigo. In: Renata Lopes Biazotto Venturini. (Org.). **Antiguidade Oriental e Clássica: economia, sociedade e cultura**. 1ed.Maringá: Eduem, 2010, v. 1, p. 13-36.

HARTOG, F. **La nation, la religion, l'avenir: Sur les traces d'Ernest Renan**. Paris, Gallimard, 2017.

HARTOG, F. **Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

KORMIKIARI, Maria; PORTO, Vagner Carvalheiro. Arqueologia como instrumento de aproximação aluno-Mundo Antigo: para além de uma visão eurocêntrica. **Revista Transversos**, v. 1, p. 45-69, 2019.

LEROI-GOURHAN, André. **O gesto e a palavra: 2** – memória e ritmos. Lisboa: Edições 70, 1965.

Robins, Gay; Shute, Charles (1987). **The Rhind Mathematical Papyrus: an Ancient Egyptian Text**. London: British Museum Publications Limited.

TURINO, F. ; FUNARI, R. S. . **Quando crescer, vou ser...egiptólogo!** 01/08/2012. Ciência Hoje das Crianças, Rio de Janeiro, p. 22 - 23, 01 ago. 2012b.

VEYNE, P. **O inventário das diferenças**. São Paulo, Brasiliense, 1983.

WHEELER, M. **Still Digging**. Londres, Michael Joseph, 1955.

ZARANKIN, Andres. Paredes que domesticam; Arqueologia da Arquitetura Escolar Capitalista, O caso de Buenos Aires. 1. ed. Campinas: Centro da Arte e Arqueologia -IFCH-UNICAMP, 2002. v. 1. 182p .

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acervo Arqueológico 1

Alforrias 123, 124, 125

Arqueologia 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 22, 23, 24, 25, 30, 38, 39, 41, 42, 44, 59, 61, 63, 64, 67, 69, 72, 80, 83, 85, 86, 87, 94, 101, 102, 104, 105, 108, 109, 110, 113, 117, 118, 119, 120, 121, 123, 132, 133, 134, 136, 148

Arqueologia Cognitiva 104, 110

Arqueologia Colaborativa 11, 12, 13, 14, 23, 24

Arqueologia Pública 3, 11, 12, 23, 101

C

Comunidade 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 22, 23, 26, 27, 34, 35, 37, 38, 41, 43, 45, 46, 48, 49, 96, 97, 110

Comunidade Indígena 41, 43, 45, 46, 48

D

Deusas 136, 139, 144

E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 8, 13, 17, 19, 22, 23, 25, 27, 28, 29, 30, 37, 38, 39, 82, 86

Educação Patrimonial 25, 27, 28, 29, 30, 37, 38, 39, 82, 86

Epigrafia 123, 126, 127, 129, 132, 133

Escravidão Antiga 123, 124

Estados Alterados de Consciência 104, 108, 111, 112, 117, 121

Etnoarqueologia 40, 41, 42, 43, 59, 60, 148

Etno-História 42, 45, 59, 61, 63, 64, 83, 85, 148

Etno-História Indígena 61

F

Fúlvia 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145

I

Império Romano 123, 124, 127, 128, 129, 131, 134, 135

Índios Kaingang 61

Interdisciplinar 104, 109, 120

Interdisciplinaridade 104, 116

L

Laudos Judiciais 40

Libertos 123, 124, 125, 126, 128, 129, 130, 132, 135

M

Memória 10, 15, 16, 17, 22, 26, 33, 35, 37, 46, 85, 96, 101, 102, 121, 145, 148

Moedas 136, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144

Multivocalidade 11, 12, 13

P

Pantanal 40, 41, 43, 44, 45, 46, 52, 59

Pari 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 69, 73, 74, 77, 78, 79, 80, 82, 85, 89

Pari-Armadilha de Pesca 61

Patrimônio 11, 12, 13, 14, 17, 19, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 43, 85, 86, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 100, 101, 102, 148

Patrimônio Arqueológico 13, 14, 23, 38, 86, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 100, 101, 102

Patrimônio Cultural 11, 12, 14, 17, 19, 22, 25, 26, 27, 28, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 92, 94, 95, 96, 97, 102, 148

Patrimônio Imaterial 31

Povo Indígena Guató 40

Preservação 6, 13, 14, 17, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 37, 38, 39, 72, 96, 97, 102, 115

S

Séculos XV-XVIII 104

Serra da Capivara 5, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 21, 22, 23

Sistematização 96, 104, 112

Sustentabilidade 11, 12, 13, 14, 15, 23, 94

Sustentabilidade Cultural 11, 12, 13, 14, 15, 23

T

Terras Indígenas 40, 52, 59, 148

Testemunhos Arqueológicos 110, 112, 113

V

Vale do Rio Piquiri-PR 61

ARQUEOLOGIA:

Temáticas e Perspectivas Teórico- Metodológicas de Pesquisa 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 



ARQUEOLOGIA:

Temáticas e Perspectivas Teórico- Metodológicas de Pesquisa 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

